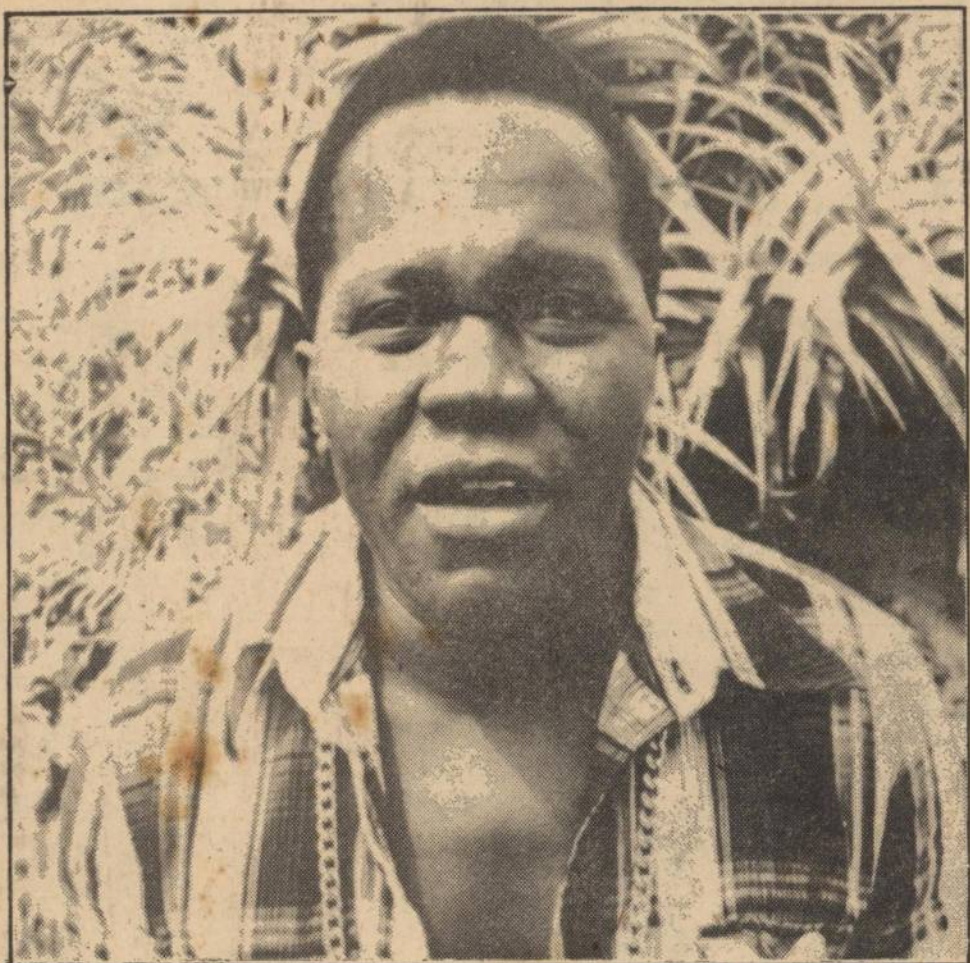


O SOM NOSSO DE CADA DIA



João do Vale: segundo LP.

e violões), Carlinhos Queiroz (viola) e Chico Moreira (baixo, percussão).

• Na segunda-feira passada, Erasmo Carlos reuniu num coquetel parte dos convidados de sua festa de arromba discográfica. O título é Erasmo convida... e, segundo sua gravadora, já sai do forno com 110 mil cópias pedidas. Cada faixa tem um parceiro vocal: Roberto Carlos, Maria Bethânia, Jorge Ben, Gal Costa, Wanderléia, Rita Lee, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Frenéticas, A Cor do Som.

• Também na escala de participação especial, Milton Nascimento entra na faixa *Bola de Meia, Bola de Gude* (parceria com Fernando Brandt) do segundo LP do grupo 14 Bis, em fase de gravações. A produção é de Tavito, ex-guitarrista do grupo Som Imaginário que acompanhou Milton no começo da carreira.

• No final de agosto, sai o "ao vivo" de Baby Consuelo e Pepeu no Festival 1 de Montreux, Suíça, ainda em curso. Aliás, a dupla e casal batem recordes no setor: além do 14º de Montreux, concorreu na última eliminatória da Globo, no MPB-80, com O mal é o que sai da boca do Homem, onde os dois são parceiros, e no dia 14 de agosto ainda participa do 1 Festival de Jazz Monterey/Rio.

• O veterano Henricão, aos 72 anos, foi descoberto pelo diligente Estúdio Eldorado, que já providencia um LP com seus grandes êxitos e músicas inéditas. No primeiro caso estão *"Casinha na Marambaia"*, regravação agora por Elis Regina em *Saudades do Brasil*, e também a versão de *Cielito Lindo*, feita em 42, para o carnaval, e que acompanhou o Papa servindo-lhe de sufixo, em sua peregrinação pelo Brasil.

• Ainda sob o impacto da recente viagem a Angola, o compositor João Nogueira fez uma parceria com o violonista e arranjador Geraldo Vespas, que vai ser gravada por um coro de 35 crianças da bateria mirim de Vila Isabel. O título é *La de Angola* e diz num trecho: "é preciso ver pra crer! gente que lutou pra se libertar! eu vi Luanda, Benguela, Lobito e outras mais! na Cafumbela, o samba jorrou, me deu sinais! que naquela terra cantaram, sambaram meus avós". Essa música integra o LP *Boca do Povo*, com repertório inédito do sambista, à exceção da regravação *Mulher Valente é Minha Mãe*.

• Pela primeira vez em sua carreira, Emilio Santiago terá um disco gravado ao vivo. Será na próxima quarta-feira numa sessão de estúdio montada com platéia na Polygram, para *Guerreiro Coração*, título extraído de música inédita de Gonzaginha. A direção do show é de Arthur Laranjeira.

• A Fisk University de Los Angeles completava 106 anos e um dos graduados, ao lado do venerando Eubie Blake, foi o precoce Stevie Wonder. Ele recebeu o título na mesma semana em que sua música. *Let's Get Serious*, gravada por Jermaine Jackson, chegava ao primeiro lugar do Hit-parade da revista Billboard. Esse, aliás, é o título do LP de Jermaine, produzido por Stevie, que acaba de sair no Brasil pela Top Tape.

• Cartola terá participação especial no novo LP de Alcione, na faixa de sua autoria, *Só eu Sei*.

• A campeã de sucessos Carole King sempre resistia a interpretar os êxitos de sua carreira de compositora ouvidos em outras vozes. Desta vez ela cedeu ao apelo da gravadora e prepara uma seleção de Antiques, como *Locomotion* (sucesso do Grand Funk), *Hi de Ho* (*Blood Sweat & Tears*), *One Fine Day* (*Rita Coolidge*) e outros.

retoma uma via política, engavetada desde o AI-5. Seu novo LP nessa direção tem significativo título, *Vamos brincar de Brasil*, mas quem manda sou EE UU.

• Roberta Flack Featuring Donny Hathaway, o nono álbum da cantora pela WEA, lhe valeu o 12º disco de ouro, por 500 mil exemplares vendidos. No momento, a cantora que iniciou carreira em 69 excursionou por várias cidades americanas, impulsionada pelo êxito das faixas *You Are My Heaven* e *Back Together Again*.

• *Continuidade...* é o título da série de LPs "feitos em casa" pelo tecladista e compositor Antônio Adolfo, o pioneiro da MPB-A (Música Popular Brasileira Alternativa). O disco tem nove inéditas dele (uma apenas em parceria, com Heber Fonseca) e a participação especial de diversos cantores, como Emilio Santiago, Sílvio Cezar, Viva Voz, Hyldon e Zé Luis. Entre os instrumentistas, estão Jamil Jones (baixo), Bidinho (trumpete), Zé Carlos (flauta, sax-tenor), Chiquinho (acordeon), Maurício Einhorn (gaita) e Mário Negrão (bateria). O disco está sendo distribuído pela Coomusa (Cooperativa Mista dos Músicos Profissionais do Rio de Janeiro), que tem centralizado a produção dos independentes, escoando todos os discos através de canal próprio. *Continuidade...* é dedicado ao grande incentivador do disco independente, o fagotista Airton Barbosa, falecido no mês passado.

• O Grupo Maria Déia também vai fazer disco alternativo. Para financiá-lo está vendendo os primeiros 300 exemplares através de certificado, que também dá direito a assistir ao show de lançamento. As reservas do LP, que será gravado na Sonoviso, podem ser feitas pelos telefones 232-8789/295-1412 e 710-5065. O preço, por unidade, é Cr\$ 300. Participam especialmente do LP, entre outros, Márcio Montarroyos (que também está preparando seu disco independente), Zeca do Trombone e Barrosinho (trumpete). O Maria Déia é constituído por Alberto de Castro (violões



Simone: numa festa portuguesa

EM TRÂNSITO

ESPERA-SE hoje, em Lisboa, uma platéia de 100 mil pessoas para o espetáculo de encerramento da festa do jornal português *Avante*. Mais de 100 artistas participarão do evento, ao ar livre e, entre os brasileiros, estão Simone, Chico Buarque, Edu Lobo e o MPB-4, todos sob a direção de Ruy Guerra. Simone já tem dois LPs editados em Portugal e é considerada a principal intérprete brasileira em vendas lusas.

• Acertados 84 lançamentos de discos brasileiros no mercado latino, nos Estados Unidos e na Espanha, pela RCA. Na primeira leva da empresa constam: Altemar Dutra, Lindomar Castilho, Carmem Silva, Lillian, Perla, Antonio Carlos e Jocafr, Joanna, Martinho da Vila e a Banda Black Rio. E os primeiros países aquinhoados com essa exportação serão Uruguai, Argentina, Chile, México, Equador, Colômbia, Bolívia, Peru, Venezuela, Panamá, República Dominicana e Porto Rico, além de Espanha e EUA.

• A Banda Black Rio também viaja em pessoa: participa da Feira de Música Brasileira de Estocolmo, de 14 a 31 de outubro próximo. Quanto ao Festival de Tóquio, de novembro, a RCA brasileira enviará como representantes as cantoras Diana Pequeno e Miúcha.

• Até terça-feira Egberto Gismonti está encerrando a primeira etapa de sua mais longa excursão européia. Em algumas apresentações ele tocou com o percussionista pernambucano Naná Vasconcellos, em outras com o baixista americano Charlie Haden e o saxofonista norueguês Jan Garbarek. O roteiro incluiu Portugal, Espanha, Alemanha Ocidental (13 cidades) e Alemanha Oriental (Leipzig), Iugoslávia, Áustria, Dinamarca, Itália e Grécia.

Na segunda fase, que vai até meados de agosto, Egberto participará do festival de Antibes, na França, volta à Espanha (três dias em Barcelona e faz temporada na França, onde encerra a tournée, em Paris. Seu LP brasileiro, *Circense*, será lançado este mês na Argentina e no Japão.

• Em périplo doméstico, o cantor Ney Matogrosso alcança amplas platéias, como as de Presidente Prudente, SP (2 mil 530 pessoas), Campo Grande, MT (4 mil 710) e Goiânia (2 mil 370). Neste fim de semana apresentou-se em Brasília e agora segue para São Luis, Fortaleza, Natal, Campina Grande, Macé, João Pessoa, Recife, Aracaju, Salvador e Belo Horizonte.

EM CARTAZ

HERMETO Paschoal encerra hoje sua participação no show de férias do Teatro Carlos Gomes, ao preço único de Cr\$ 150. Na semana de 17 a 20, sobe ao palco Macalé, com *O Bom Malandro Não Berra ou Para cada Canção uma Emoção*. No Festival de Férias Polygram, no Teatro Ipanema, fica até o dia 20 a primeira dupla, a cantora Fafá de Belém e o compositor Bubuska.

Este mês e no próximo, o curso de inverno do Parque Lage acolhe um professor diferente: trata-se do ex-mutante Arnaldo Dias Batista, que dá aulas de introdução à prática musical atual. Inscrição na secretaria da Escola de Artes Visuais.

Adiado para 17/7 o coquetel de lançamento do LP *Asfalto*, de João de Aquino, no edifício Cidade do Leblon. Também foi mudado o show das escadarias da Câmara dos Vereadores: será dias 18 e 19/7, a partir das 20 horas, com a participação de Zé Ramalho, Sérgio Dias, Biafra, Elza Soares, Terezinha de Jesus e Fabiola, além de João de Aquino e sua banda.

Começa no dia 18 o *Dengo* novo show de Zezé Motta, que lança o disco do mesmo título no Teatro Casa Grande. A cantriz também se lança como autora, em *Cais Escuro*, parceria com Paulo Feital. Direção geral de Marcos Paulo e Luís Carlos Maciel, que também se encarrega do roteiro.

A peça infantil *Passageiros da Estrela*, de Sérgio Fonta, tem trilha sonora de Egberto Gismonti e fica em cartaz, sempre aos sábados e domingos à tarde, até agosto. Sérgio Fonta lança seu livro *Sangue Central*, poesias, na José Olympio, segunda, às oito da noite.

Também no palco teatral, a peça *Quem Casa Quer Casa*, de Martins Pena, está sendo associada a outros musicais do autor, com o adendo: "...e outras coisas mais". Estréia no Glauco Gil, na terça, relançando um nome esquecido, o compositor Ubirajara Cabral (ex-Coral de Ouro Preto), autor de toda a trilha sonora.

Na TV: *Coração Alado*, próxima novela global das 20 horas, deverá colocar em órbita mais um sucesso de Wagner. Trata-se da música *Noturno*, de Graco e Caio Sívio, que num trecho mais desabrido fala do "coração alado" e será repetida todas as noites até o final dos capítulos. O Alerta Geral do próximo dia 18 biografará a Rádio Nacional, com suas estrelas, agora recambiadas pela anistia. Cauby Peixoto, Emília e Marlene, além de Ivon Curí contracenam com Alcione neste clima de anos 50, às 21h10m. Logo a seguir, no Festival 15 Anos Internacional, da mesma emissora, os homenageados serão os Beatles: Ray Charles, Elton John e Tony Bennett, entre outros, cantam suas canções.



Bubuska: apresentado por Fafá

EM ROTAÇÃO

Tárik de Souza

Finalmente, uma antiga injustiça será reparada. Chico Buarque, que não pôde fazê-lo em sua própria gravadora, vai produzir João do Vale na Polygram. Trata-se do segundo LP do maranhense criador de *Carcará*: o primeiro tem quase 15 anos (*A voz do Povo*) e nunca foi reeditado, pela mesma Polygram. Chico ficou entusiasmado com a atuação de João em Angola e, além de arregaçar as mangas da produção, cantará numa das faixas. Outras estrelas, como Nara Leão e Maria Bethânia, que atuaram ao lado de João do Vale no histórico show *Opinião*, também cantam com ele no LP.

• Com o sensacionalismo levantado em torno da letra de Anúncio de Jornal, as queixas do enxovalhamento da profissão das secretárias, a cantora e autora Júlia Graciela, com seu sotaque castelhano e constantes aparições nos programas do *Chacrinha*, já vendeu 100 mil cópias de seu compacto de estréia.

• Outro setor que tem mantido boas somas nessa fase de vacas magras é o humor. Chico Anísio, um recordista, está lançando seu recente *Chico Total* (WEA), amanhã, segunda-feira, no Mistura Fina da Lagoa, a partir das 18 horas. Entre os dias 18 e 25 de julho, a mesma WEA, com a produção "do ramo" de Sérgio Cabral, grava uma coletânea do *best seller* em livro *As Anedotas do Pasquim*. Dizem as piadas a dupla Miele e Elke Maravilha. As gravações serão no Teatro Ipanema, no fantasmagórico horário de meia-noite.

• Também volta nas águas do humor selado "para maiores de 18 anos" o *Ary Toledo* de Pau de Arara. Sua gravação para a Copacabana, *Antologia do Sexo*, já ultrapassou as 100 mil cópias, o que no entender do compositor ainda representa um número tímido. "O pessoal copia em fita pirata e revende pelo interior, sem título nem nada". *Ary*, com a abertura,

EM FILME E MELODIA, A CONSCIÊNCIA NEGRA

José Nêumanne Pinto

No fim do mês passado, o genial Paulinho da Viola deu uma longa entrevista à série de programas *O fino da música*, da Rádio Jovem Pan, de São Paulo. Ao encerrar o programa, o portelense deu o segredo de seus bons sambas: "O negócio é falar da realidade, sem metáforas, sem subterfúgios".

Assim faz Geraldo Filme, um crioulo alto e elegante que pode ser visto nos ensaios da Escola de Samba Val Val, no bairro popular do Bexiga, em São Paulo. Geraldão da Barra Funda, antigo entregador de marmitas, chega aos 52 anos de idade, compondo seus sambas que falam da dor da fome da miséria, da pobreza e da urbanização desmedida de sua São Paulo natal, com aguda consciência social e raro senso poético.

Diferente do samba do Rio, urbano, descendo do morro para o asfalto, o de São Paulo (cidade já definida por Vinícius de Moraes como "o túmulo do samba") vem dos terreiros de café e tem em Geraldo Filme um de seus mais autênticos e inspirados cultores. Marginalizado por causa da natural preponderância no mercado primeiro do samba de morro carioca e depois do samba de roda baiano, o samba do terreiro de São Paulo só chega as lojas de disco agora graças ao ouvido musical do produtor Aluizio Falcão, coordenador artístico da gravadora Estúdio Eldorado e responsável pelo lançamento do primeiro disco de longa duração de Geraldão da Barra Funda.

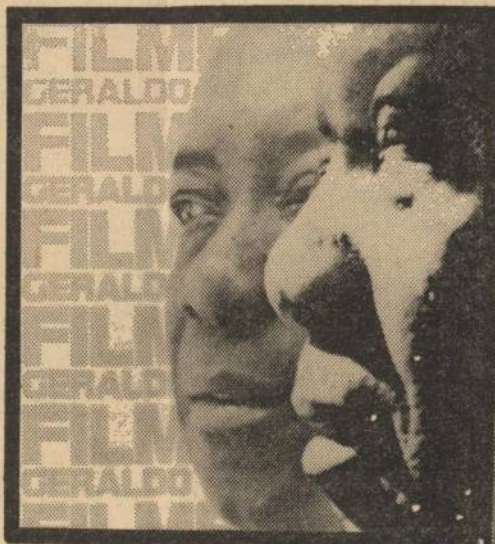
No Festival Abertura, da Globo, o povo brasileiro ficou sabendo que, no sertão, "meni-

na quando é bonita é presente pro filho do patrão", na voz de Clementina de Jesus, intérprete de *A morte de Chico Preto*, primeiro exemplar do samba de terreiro de café, a ser transmitido ao Brasil todo via Embratel. Mas somente agora se tem acesso à voz do próprio autor da música, que interpreta, acompanhado por músicos da competência de um Heraldo (viola e violão), Dirceu (berimbau) e Felpudo (trombone), entre outros, 11 faixas de sua autoria e o belíssimo *Tristeza do sambista*, da nova geração das escolas de São Paulo, representada por Oswaldo Arouche e Walter Pinho.

O tom sem floreios do disco de Geraldo Filme pode ser dado justamente pelo refrão do samba de Arouche e Pinho: "favela virou poesia na boca de quem nunca soube o que é sofrer". Não se pense, porém, que o disco é apenas o desfiar de letras amarguradas. Dono de uma musicalidade muito grande, Geraldão da Barra Funda e do Bexiga faz uma música muito agradável de ser ouvida e num ritmo sacudido que só poderia ser conseguido por um descendente de africanos.

Outro descendente de africanos, mas carioca, criado entre o Morro de São Carlos e o Largo do Estácio, Luiz Melodia também tem, a seu modo, uma consciência aguçada da negritude. Ao contrário de Filme, Melodia é adepto da metáfora, utiliza a imagem poética com constância e recorre a ritmos oriundos da África, mas tratados em terras diferentes: nos algozoais do Sul dos Estados Unidos ou nos canaviais do Caribe.

Nos, seu último LP, lançado recentemente pela WEA, revela um Melodia mais contido, cantando de forma mais limpa, compondo com menos agressividade e revelando uma maturi-



Geraldo Filme: direto

Luiz Melodia: metafórico

dade inesperada como letrista. No disco, percorre os caminhos do mambo (*Ilha de Cuba*, de Papa Kid), envereda pela trilha do blues (são inconfundíveis os metais no arranjo de Serginho Trombone para a bela *Mistério da raça*, de Melodia e Ricardo Augusto) e passa pela estação do rock (ao dar uma nova roupagem para o clássico *Negro Gato*, de Getúlio Cortes), promovendo assim sua *fusion* particular, cujo exemplo mais evidente talvez seja *Surra de Chicote*, somatório de samba, blues, funk etc. etc.

Em Geraldo Filme, a consciência da injustiça social e do preconceito racial é direta, sem subterfúgios ou metáforas, bem ao gosto de Paulinho da Viola. Em Luiz Melodia, ela vem mastigada, sofisticada e depurada mas não sem a mesma violência (vide *Feras Que Virão*). São duas faces de uma mesma moeda — a experiência da negritude.



TELEVISÃO & RÁDIO

ÁGUA VIVA

O AUTOR E SEUS PERSONAGENS NA HORA DO ACERTO DE CONTAS

Suzana Braga

MOCINHOS, mocinhas, vilões, cafajestes, assassinos ocultos, mentirosos doentios e outros personagens fazem parte do mundo televisivo na horário das 6 às 9 da noite, com uma pequena interrupção para que os jornais levem aos lares — geralmente com desprazer — a conclusão de que o mundo não é bem como as novelas dizem e que raramente há *happies endings*.

De qualquer maneira, é cada vez mais da realidade que os autores procuram tirar suas histórias e personagens, inspirando-se no ambiente e comportamento humano reais, ou ao menos verossímeis, para tirar da novela o ranço dos velhos folhetins românticos. Assim, a donzela de antigamente vai dando lugar à jovem liberal e feminista, o papai sabe-tudo dá vez a pais normais e nada infalíveis — e até mesmo a idéia de um segundo casamento, antes inconcebível, já começa a penetrar nos lares, embora só depois de longa vividez ou de uma separação rigorosamente casta.

Os progressos ocorrem, também, em outros setores técnicos da telenovela. Os continuistas, por exemplo, já cuidam para que o beijo, começando com a mocinha de cabelos soltos, não acabe com ela impecavelmente penteada. E mais: há os que se preocupam com detalhes mínimos que, se escapavam ao telespectador menos atento, levavam à indignação os mais exigentes. Como aquela novela em que Tarcísio Meira, depois de passar semanas foragido, no meio da selva, de lá saí com uma camisa irretocavelmente limpa, cabelo penteado e rosto barbeado.

Água-Viva começou no verão (de verdade), cheia de cores, velas de *wind surf*, mar, lanchas, enfim a vida que todo mundo pediu a Deus. A trama folse desloca, correndo, passando para outros pontos de interesse, mas o telespectador continuou invejando aquele tipo de vida, mesmo que os personagens envolvidos começassem a se desfacer.

Hoje a um mês de seu final, a novela continua colorida, mas já é inverno. Autores e demais membros da equipe têm mais 12 dias de trabalho até o grande final. Esse desfecho pode depender de uma enquete, envolvendo os próprios autores e os personagens mais importantes. O que significa dizer: os próprios autores e aqueles que não se enquadram na condição de personagens ocasionais, bissextos, ou mesmo de "participantes especiais", como o menino do Rio. O protótipo não vai opinar, e sim os personagens mais reais, o antipático, o vilão, que no entanto continuam fascinando as donas-de-casa, os pais de família, as crianças, as empregadas domésticas, os intelectuais, quem quer que veja a novela.

Gilberto Braga, o pai da criança começa dizendo que não vai contar o final da novela:

— É todo cogitação, ainda não escrevi e posso me motivar de várias maneiras para escrevê-lo. Nem eu mesmo sei ao certo como tudo vai acabar, principalmente porque falta ainda muita coisa para ser escrita.

Começa então a falar dos personagens propostos.

— Miguel (Raul Cortez) talvez seja o personagem mais novelesco em toda a história, na medida em que tem um comportamento quase exemplar, muito mais de herói idealizado do que de seres humanos que eu conheço. Mesmo essa demora em confessar que ele leu o Nelson (Reginaldo Faria), na partilha de bens, me parece mostrar caráter e vontade de acertar. Ora veja, outro qualquer estaria pouco se importando com o irmão. Mas um detalhe: o detetive não é o ato vil que ele vai usar para flagrar a mulher (Beth Faria). Existe um mistério em torno do detetive, mas na solução desse mistério o Miguel, que está sendo fragilizado pelo efeito, não se quebra. Ele é um herói, mesmo que tenha lesado o irmão.

Dois outros personagens de Água Viva:

— Simpatia especial eu já tenho naturalmente pelos mais frágeis, mas os meus preferidos, nessa novela, aqueles para os quais mais gosto de escrever são Lourdes Mesquita (Beatriz Segal) e Stella (Tonia Carreiro). Lourdes Mesquita é uma maravilha e o trabalho da Beatriz Segal é magnífico. Não posso dizer que seria um personagem secundário e que cresceu desmesuradamente. Originalmente, em termos de sinopse, na primeira escalada do elenco, Beatriz iria fazer a Stella e uma das atrizes cogitadas para fazer a Lourdes era Fernanda Montenegro. Por aí dá para ver que o personagem foi bolado para ser muito importante desde o início. E o público aceita muito bem a Lourdes. Existe muita compreensão em relação a ela. Acho normal essa compreensão e gostaria que acontecesse com todos os outros. Isso se deve a grande carta de ternura que ela coloca na fútil Lourdes Mesquita, mas que é também um ser humano bem real.

Gilberto muda o personagem e passa para Janeth (Lucélia Santos) que foi acusada de uma brusca e inesperada queda.

Não teve queda. Só que, numa certa fase da novela, o personagem bamboleou e depois foi tudo superado. O que eu não gosto é da visão que muita gente tem da Janeth. Existe uma certa antipatia do povo em relação a ela. Pode constatar isso pelas cartas que chegam à emissora, acusando o personagem de estar desfazendo a família, de falta de respeito, de que eu próprio não quero unir a família por intermédio da Janeth, etc. Não é só as pessoas de meia idade, com formação rígida, como você está pensando, que escrevem. O que mais me surpreende é que até crianças escrevem sobre esse assunto. E eu, em particular, sou amplamente a favor da família. E, também existe o detalhe da Janeth ser uma exceção, para uma moça que saiu da Avenida Maracanã, de dentro de uma família pobre e desestruturada emocionalmente, ter esse tipo de atitudes e reações é possível, mas não é o comum.

Cleber (José Lewgoy) é personagem que na cabeça das crianças já é o vilão, o assassino do Miguel e outras coisas mais, como diz Isabel Pedrosa, de seis anos: "É claro que é ele, não pode ser outro, ele é que tomou conta do dinheiro do Nelson, que era muito pequenininho quando o pai morreu..." ou de Beatriz Vaz, de sete anos: "É até acho que é ele mesmo, sempre escondidinho, é um malandro, namora até a manicure e aquele tiro que aconteceu nos Estados Unidos, e ninguém mais falou, pode ter sido dado por ele; bem se não é ele deve ser a Celeste, que é doida."

Tendo ou não escrito o desfecho da novela, Gilberto comenta Cleber.

É um personagem muito simpático e que adorei criar. Sendo ou não um vilão no catálogo das pessoas, continua simpático e executado com grande charme por José Lewgoy. Sabe, sempre que escrevo novelas tenho dificuldade de escrever um personagem coadjuvante. Em Água Viva senti que faltavam personagens coadjuvantes. Cleber seria um típico coadjuvante, mas tive a tendência de torná-lo mais importante. Terezinha Sodré (Marinete) já é outro papo. Não fez parte da sinopse inicial, foi inventada depois. Gostei do trabalho dela e achei que era melhor mantê-la na novela. Acabou virando personagem coadjuvante, mas que não me dá o mesmo prazer de escrever para ela como para o Cleber.

O público encontrou uma súbita transformação na Sueli Angela Leal, mas mesmo assim, com maior destaque no final, não conseguiu agradar. Houve, inclusive, boatos de que ela era a ponte de ligação do autor com o elenco e que conseguiu tirar um bom partido disso.

Isso é história — corta Gilberto. A ponte são mesmo os diretores. Acho a Sueli um personagem muito interessante, mas que ficou chato por causa da própria natureza do gênero.

É claro que houve mudanças. Veja, são 150 capítulos sem grandes diferenças, onde então se tornam necessárias adaptações. Se eu tivesse de adaptar *O Vento Levou* para a TV, ou mudava o comportamento da Scarlett e do Rhet, quando chegasse o capítulo 50, ou ninguém mais aguentava ver. A mudança é característica do gênero.

Sobre Mauro Mendonça, interpretando Evaldo, Gilberto comenta:

A subida do personagem do Mauro tem muito a ver com a entrada do Manuel Carlos para me auxiliar no texto. Evaldo, criado por mim, não é exatamente o Evaldo que aparece agora na novela. Logo nos primeiros capítulos, Mauro deu uma linha de interpretação que eu não esperava, levou seu personagem mais para a comédia. Acho que foi até para melhor, mas numa certa fase eu rejeitava o personagem. Manuel aceitou muito melhor o Evaldo proposto por Mauro e, de uma certa fase para cá, passou a escrever muito mais para o personagem do que eu.

Gilberto começa a fechar sua análise sobre os personagens de Água Viva. De Lígia (Beth Faria) e Nelson (Reginaldo Faria) pouco fala; dá apenas a opinião de que nem sempre os pares românticos se acasalam bem. Mas gosta dos atores e das interpretações.

Celeste (Arlette Sales) é uma coadjuvante que não sei por que não conseguiu a segurança do Cleber. Ela cal, levanta, cal de novo e isso me dá uma frustração muito grande. Maria Padilha faz a Beth, uma moça do baixo Leblon, e está com um desempenho magnífico. Muitas vezes me pergunto por que a Beth, que é apenas um personagem secundário, não aparece mais e um amigo meu achou a inteligente resposta: "Ora, a novela não pode ter só atores com desempenhos principais". Apostei também na Natália do Valle (interpretando Márcia) e que me está satisfazendo cada dia mais. Agora tenho a minha maior frustração na Sandra (Glória Pires), porque me perdi muito e quero dizer que, se a Sandra ainda existe na novela, é graças a Glória Pires, que seguiu e defendeu magistralmente uma figura indefensável.

Acabam os comentários do autor, que já está nervoso porque se sente no horário de sentar na máquina e trabalhar.



Gilberto Braga, a 12 dias de definir o final de *Água Viva*, ainda tem algumas dúvidas sobre o seu desfecho: uma enquete poderá ajudá-lo

A LOURDES MAL-AMADA QUE BEATRIZ SEGAL COMPREENDE

PARA mim, em um trabalho de teatro ou de Tv, o ator não pode separar seu trabalho do texto. Portanto, se Lourdes Mesquita é bem-sucedida, deve-se em parte ao esforço de uma atriz e em outra grande parte ao texto do Gilberto.

Gosto muito de fazer a Lourdes, acho bastante variada as suas nuances, faz maldades, sofre, mas não é uma pessoa má: é uma trapalhona. Talvez por isso tenha sido muito bem aceita pelo público, inclusive com carinho. Acredito que está acabando a era do público tomar os personagens como figura



verdadeira. Quando saio de cena, todos me recebem como a Beatriz, que por sinal se sente muito querida fazendo a Lourdes má, antipática. Ela serve de exemplo para o que não se deve fazer. Sim, talvez até concorde em que haja no personagem nuances de psicanálise, mas temos de ver que a obra é escrita por um autor bastante moderno e jovem.

Para mim, a Lourdes Mesquita tem facetas que a torna muito verdadeira. Outro dia, em um jantar, amigos comentavam comigo que, em suas casas, quando algo semelhante ao que se passa com a Lour-

des na novela acontecia, nas suas casas já era um chavão — "Cuidado que está virando a Lourdes Mesquita". Mas acima de tudo ela é o reflexo da mulher mal-amada. Até o pequeno romance insinuado se dilui, é um romance morto na fonte, uma vez que ela acaba se ligando com um rapaz muito mais jovem e continua sendo mal-amada porque, pelos nossos preconceitos, já é um amor errado. Também acredito que o Gilberto vá continuar rígido, pois ele não tem por que transformar a Lourdes numa mulher feliz e boazinha.

O EVALDO IRREVERENTE QUE MAURO MENDONÇA MOLDOU

MEU personagem me pintou desde o começo e em família. Baseado em uma reunião do núcleo familiar. Eu e a Lucélia nos reunimos na casa da Mafalda e encontramos uma fórmula de reciprocidade, cada um dando elementos para o outro.

O sujeito que acredita muito na sua mentira passa a ter uma verdade exacerbadada. Toda a mentira na boca de um Evaldo é uma convicção enorme. Conhecia esse tipo de relacionamento, pelo menos em duas pessoas reais. O irmão mais novo que tem uma segunda mãe e vai errando cada vez mais porque ela lhe passa a mão na cabeça. Agora, eu não acredito que ele tente sair do seu novelo com algum tipo de violência. Ele não é um escorpião, é um



ser dependente, de caráter fraco e por isso sempre vai procurar uma saída digna dentro da sua lógica.

Acho sim que o personagem cresceu porque os componentes iniciais foram baseados numa cena em que o Evaldo foi flagrado em mentiras. Eu ironizei, coloquei um pouco de piada na verdade do Evaldo e o autor pegou as sugestões. O ator pode, sim, ajudar a crescer um personagem, no caso evidentemente houve três colaboradores: o Gilberto, o Manuel e o meu trabalho.

É realmente difícil e raro esse relacionamento de baixo para cima e, em determinado momento, Janeth, filha do Evaldo, parecia um super-homem dizendo verdades para uma criança.

Acredito que um pouco de humor auxiliou na aceitação das pessoas.

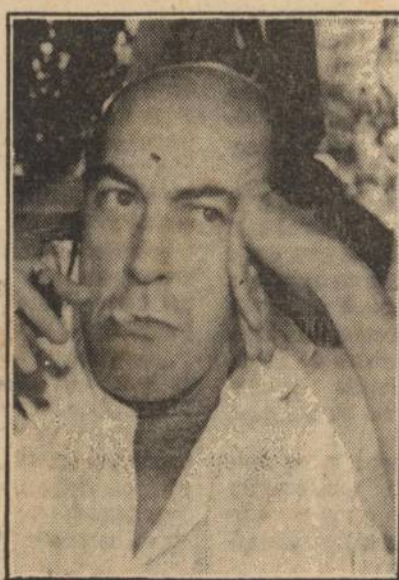
Mas eu gostei desse trabalho. Não do aspecto comercial. Aí a imagem do bom moço fatura mais. E não existe ator que faça TV, sociedade de consumo, e não queira usufruir. Gostei de fazer o Evaldo um cara duro, que mente, que é fraco e até antipático. Normalmente faço personagens muito bem-sucedidos financeiramente, e aí já viu, entrou na oficina para arrumar o pneu do carro e já nos tiram os olhos da cara. Agora, não, todos estão mais convencidos de que não sou milionário. É bom quebrar essa ilusão na cabeça do público de que se tem muito dinheiro, projeção hollywoodiana etc., etc. Chega disso. Ator tem que dar muito duro para manter a casa e a comida.

O MIGUEL DESILUDIDO QUE RAUL CORTEZ VIVEU

"SEMPRE tive muita simpatia por Miguel, porque parecia um sujeito muito preocupado em ser útil, um cara seguro, mas de uma segurança entre aspas. Na verdade, ele se preservou a vida toda e, quando morreu sua mulher, essa segurança perdeu-se e ele se defronta com uma sociedade destrutiva. Fica um cara infeliz, se apaixona por outra muito mais sensual, mas não terá a segurança de volta."

Miguel morre profundamente decepcionado, desiludido. Como isso vai acontecer eu não sei. Sei que o Miguel tinha de morrer por motivos que não conheço. Já entrei no estúdio com a camisa manchada de vermelho. E só. O corpo é descoberto na sala, já morto, e não aparece o assassino.

Toda a trama do Dr Fragonard está colocada em coisas que envolvem poder



e dinheiro. Como, aliás, de quase todos os personagens. Uns procurando isso e se sentindo inseguros, outros usando isso para compensar a insegurança ou a frustração.

Quando se escreve um trabalho assim, o autor normalmente tem uma lógica da conduta de cada protagonista. Essa fase um pouco analítica do Gilberto, que está sendo cobrada, é a fase dele e o seu processo atual. O que eu pude observar nos personagens é que todos eles têm um sentimento enorme de rejeição.

A soma foi positiva, estou satisfeito, e o lado financeiro foi muito bom. Agora estou partindo para outra (estréia de *Rasga Coração* em São Paulo) porque, quando se tem uma carreira como ator, também se tem um pé no hoje e outro no amanhã.

Na minha opinião, Miguel tinha uma formação quase clássica. Eu o comparo com uma tradicional família de 400 anos. Não sei até que ponto posso ter emprestado coisas minhas ao personagem mas, pela lógica, quando são mexidos alguns ângulos no personagem, esses ângulos que se manifestam são também os do ator. No geral, ele passou uma grande segurança para o público e isso deu para sentir pelos comerciais que me foram oferecidos. Coristina, Remédio para bebê, faixa de segurança para pedestres — campanha da Enciclopédia da Abril. Não pude aceitar por cláusulas contratuais, que impedem a venda do personagem.

Aceitei muito bem a história do Gilberto e do Manuel Carlos, que também escreveu lindamente.